



THE NEW SPEAKERS NETWORK

FINAL WHOLE
ACTION CONFERENCE

COIMBRA — 2017

Local panels

Linguistic diversity in Portugal: preventing
the waste of experience

Abstracts | Panels 13 and 14

September 14-16, 2017

COST Action IS1306 “New Speakers in a Multilingual
Europe”

<http://www.ces.uc.pt/coimbranewspeakers/>

THE NEW SPEAKERS NETWORK

— **FINAL WHOLE** —
— **ACTION CONFERENCE** —
COIMBRA — 2017

Local Panels

Diversidade e cidadania linguística em Portugal: prevenir o desperdício da experiência

|Português|

Portugal é um dos Estados Nação mais antigos da Europa, com fronteiras nacionais territoriais estabelecidas há cerca de 800 anos. Ao longo da história, falantes de língua portuguesa têm viajado por diferentes lugares do globo, estabelecendo contacto e criando inúmeros espaços de distribuição multilingue - com línguas indígenas e crioulas, locais, regionais e nacionais, desde a Europa e a América Latina à África e Ásia. Intrinsecamente ligada aos desenvolvimentos político-económicos na sua histórica contemporânea - inclusivamente à construção da sua identidade e vocação europeias face a um passado colonial e imperial de longa duração em contexto de crise financeira - a consciência de Portugal como uma sociedade multilingue é recente e atravessada por uma complexidade de dinâmicas de ordem socio-histórica, sociocultural e (socio) linguística cujas condições têm vindo a receber cada vez mais atenção crítica. Portugal assume-se hoje como um estado multilingue - português, língua gestual portuguesa e mirandês; assistimos nas últimas décadas a um aumento da regulação do investimento na oferta de língua portuguesa a várias escalas. Estas medidas apontam para uma consciência - por instituições governamentais e não-governamentais - de uma sociedade portuguesa multilingue e da necessidade de resolução de problemas de cidadania linguística com contornos complexos. É, porém, consensual a distância entre medidas políticas e práticas no terreno face ao reconhecimento do valor sociocultural, político e económico de grande parte dos saberes multilingues dos cidadãos portugueses.

Adotando uma perspetiva horizontal entre investigação e ação, sustentada na aprendizagem mútua para prevenir o desperdício da experiência (Santos, 2000, 2004), seguimos uma metodologia que combina o trabalho de investigação linguística com o trabalho prático desenvolvido no terreno por atores locais. Movem-nos três ordens de perguntas:

- Como a investigação e ação que parte da experiência de falantes de línguas em posições minoritárias - por razões de território, de herança, de mobilidade transnacional ou migrações - ajuda a compreender e encontrar soluções de governação da diversidade linguística em contextos locais, regionais, nacionais ou mesmo supranacionais em que o português faz parte da distribuição multilingue?
- Como uma perspetiva de conhecimentos e repertórios multilingues centrada em novos falantes - que ativamente reavaliam as suas competências e reestruturam as suas práticas sociais para se adaptarem a novos espaços linguísticos complexos e sobrepostos - abre formas de descrever e explicar as suas dinâmicas linguísticas, pessoais, familiares, sociopolíticas e identitárias?
- Dada a socialização em contextos permeados por processos históricos complexos (por exemplo, no cruzamento de forças coloniais, pós-coloniais e globais, e em espaços formais, não-formais e informais, entre eles o digital), como integrar uma perspetiva multicultural que ajude a evitar o desperdício das experiências e nos incite a aprender com elas, com vista ao

desenvolvimento de políticas solidárias e eficazes em várias escalas de ação em benefício de falantes multilingues?

Dividimos o nosso debate sobre diversidade linguística em Portugal em torno de dois temas principais – primeiro, as políticas de língua, a gestão da diversidade e os espaços de reconhecimento institucional (Políticas de Língua, Legitimidade, Governança e Ação institucional); segundo, as dinâmicas de reconhecimento de falantes, conhecimentos e repertórios linguísticos, e espaços identitários (Falantes, Conhecimentos e Dinâmicas). Convidamos os participantes em cada painel a partilhar as suas experiências e debater as suas práticas, decisões e estratégias, a partir de um conjunto de questões previamente distribuídas. Segue-se um debate geral com um público.

|English|

Linguistic diversity and citizenship in Portugal: preventing the waste of experience

Portugal is one of the oldest European nation-state, with national territorial borders dating from over 800 years. Throughout history, Portuguese language speakers have been travelling over different places in the world, and creating zones of contact and various spaces of multilingual distribution - with local, indigenous, creole, regional, national languages, from Europe and Latin America to Africa and Southeast Asia. In the light of political-economic developments in contemporary history - including the investment in an European identity articulated with a long durational colonial and imperial past, in a context of financial crisis - Portugal's self-awareness as a multilingual society is still very recent and traversed by complex dynamics of political, economic, social-historical, sociocultural, (socio)linguistic order, in growing need of attention and critical debate.

Nowadays, the Portuguese state recognizes three languages - Portuguese, Portuguese Sign Language and Mirandese; there has been growing investment in the regulation of Portuguese at various scales of political action. Political measures point to some governmental and non-governmental awareness of a Portuguese multilingual society and the need to provide for complex configurations of issues related to linguistic citizenship. Nonetheless, all agree about the existence of a deep gap between policies and practices, as well as on the need to gain critical recognition of the sociocultural, political and economic value of a major part of Portuguese citizens' multilingual repertoires.

We work from a horizontal standpoint between research and action, sustained by principles of mutual learning inspired by an epistemic attempt to avoid the waste of experience (Santos, 2000, 2004); we follow a methodology that combines sociolinguistic research with action being developed by local people in the field, around three sets of general questions:

- In what ways a sociolinguistic research and action research perspective centred on the experiences of speakers of minority languages - territorial, heritage, transnational mobility or migration - helps understand and find solutions leading to the governmentality of linguistic diversity in local, regional, national or even supranational contexts where Portuguese is part of the multilingual distribution?
- In what ways a perspective centred on multilingual competences and repertoires of new speakers - who cross existing social boundaries, re-evaluate their own levels of linguistic competence and

creatively (re)structure their social practices to adapt to new, complex and overlapping linguistic spaces - opens alternative ways of describing and explaining these speakers' dynamics of linguistic, personal, social, cultural, as well as political participation and identity?

- As language socialization happens in contexts traversed by complex historical processes (for instance, overlapping colonial, postcolonial and global, as well as formal, non-formal and informal, among them digital spaces), how to articulate a multicultural perspective that prevents the waste of experiences and enhances mutual learning, to develop effective solidary strategies across distinct scales of social and political action for the benefit of multilingual speakers?

We divide our linguistic diversity debate in two broader themes - first, language policies and governmentality, management of linguistic diversity and spaces of institutional recognition (Linguistic Diversity in Portugal: Policies and Practices); second, dynamics of recognition of new speakers, multilingual knowledge and repertoires, spaces of identity (Speakers, Knowledges, Dynamics).

We invite our guest participants to share their experiences and debate their practices, decisions and strategies, from a previously distributed set of questions on the topics of their panel, followed by general debate.

Santos, Boaventura de Sousa. 2000. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa. 2004. "A Critique of Lazy Reason: Against the Waste of Experience", in Wallerstein, Immanuel (ed.). *The Modern World-System in the Longue Durée*. London: Paradigm Publishers, 157-197.

THURSDAY, SEP 14
11:30-13:30
FLUC - TP1

Panel 13 | *Language diversity in Portugal: policies and practices*

Coordinators: Olga Solovova & Ana Raquel Matias

|Português|

O reconhecimento de Portugal enquanto estado multilingue (finais 1990) tem deixado de fora uma parte significativa da diversidade linguística presente no território, por um lado as diferentes línguas regionais, por outro aquelas provindas dos fluxos migratórios que há muito têm mudado o tecido social e demográfico português. Este reconhecimento parcial é visível nos discursos institucionais e populares, que persistem num investimento focado na importância da língua portuguesa num espaço nacional tido como sobretudo monolíngue. As recentes mudanças nas leis da nacionalidade e das políticas migratórias e educativas reforçam o papel do português enquanto critério-chave de acesso à residência de longa duração e à nacionalidade, condicionando a participação cidadã, emprego na função pública, saúde e sucesso educativo. A promoção efetiva da diversidade linguística reduz-se, por seu turno, a uma celebração cultural desprovida de efeitos políticos para as línguas ditas “minoritárias”, através de concertos, feiras, exposições e outros eventos similares, ao passo que, por exemplo, a promoção pelo ensino/aquisição de línguas se traduz em métodos monolíngues no reforço do português, ou centrados na valorização de línguas modernas estrangeiras, como o inglês, o alemão e o francês (e mais recentemente do mandarim). Procurando contrariar esta ausência de reconhecimento oficial da diversidade linguística existente, têm surgido, desde os finais dos anos 1980, inúmeras iniciativas locais, e é nesse âmbito que gostaríamos de dinamizar o corrente painel. Focando nas necessidades sentidas pelos próprios falantes multilíngues, pretendemos promover um espaço de partilha e discussão entre projetos e atores, refletindo sobre:

- *A educação linguística* que se oferece atualmente em ensino em Portugal (ex. PLNM, ensino bilíngue, escolas de ensino informal);
- Os caminhos que se definem hoje para as *línguas regionais*;
- Os *espaços de cidadania linguística* que se têm desenvolvido, associando iniciativas locais com os espaços digitais (jornais, revistas, rádio e canais da internet em diferentes línguas);
- Os modos de *integrar uma perspetiva multicultural* que permita aos atores institucionais desenvolver políticas mais eficazes e adequadas à realidade efetiva dos falantes multilíngues.

|English|

Even though officially recognized as a multilingual state in late 1990s, Portugal has failed to acknowledge a substantial part of its actual language diversity, with origins in both regional languages and in the languages associated with migration flows, which have changed the country’s social and demographic fabric. This partial recognition is evident in institutional and popular discourses that persist in investing in the centrality of the Portuguese language within a national space still viewed as monolingual.

The recent changes in citizenship laws, as well as in migration and education policies have reinforced the role of Portuguese language as one of the key access criteria to long-term residence, citizenship and civic participation, jobs in civil services and health system, as well as a determinant factor for educational success. The effective promotion of language diversity in Portugal is reduced to cultural celebration (concerts, fairs, exhibitions etc.) that brings no political change for the so-called “minority” languages and their speakers. For example, bilingual education initiatives often take form of schools where most curricular subjects are taught in English, German or French alongside Portuguese.

Since late 1980s, numerous local initiatives have been organised across Portugal to counter the lack of concrete political measures that would acknowledge the actual language diversity. We would like to use those initiatives as inspiration for this panel by focusing on the specific needs of multilingual speakers and opening a space of discussion and dialogue between different social actors. We would like to invite our participants to reflect on the following questions:

- What kind of language education is being offered across Portugal (e.g. Portuguese as Non-Native Language, bilingual education, informal schooling)?
- Which ways of promoting regional languages are put in practice?
- Which spaces of linguistic citizenship have been developed, where local initiatives are linked with digital spaces (online journals and magazines, radio and Internet channels in different languages)?
- What are the ways of enacting a multicultural perspective that would result in public policies to address the real interests of multilingual speakers?

PARTICIPANTES | PARTICIPANTS

Olga Solovova (Centre for Social Studies, University of Coimbra)

Ana Raquel Matias (Centre for Social Studies, University of Coimbra; Centre for Research and Studies in Sociology (CIES-IUL, ISCTE-IUL))

Margarita Maria Correia Ferreira (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e CELGA-ILTEC (UC))

Julia Prikhodko (Russian/English language teacher, Association Centro Intercultural “Espaço Vivo”)

Fernanda Asseiceira (President of Alcanena City Council, Minde)

José Pedro Ferreira (CELGA/ILTEC, Universidade de Coimbra)

Tiago Machete (Teacher of Portuguese and Portuguese Non-Native Language at lower secondary schools, member of 1st external evaluation commission on Portuguese as Non-Native Language in Basic and Secondary Education)

O português e as suas variedades nacionais – das políticas às práticas

Margarita Correia (CELGA-ILTEC e FLUL)

Resumo

O português é uma língua pluricêntrica cujas variedades nacionais convivem forçosamente, em todos os espaços onde é falada, não apenas entre si, mas também com outras línguas, autóctones ou não desses espaços.

A visão generalizada de Portugal e dos demais países da CPLP como países basicamente monolíngues, acredita-se, faz hoje parte do passado, existindo um maior (re)conhecimento da realidade linguística dos diferentes países de língua oficial portuguesa. Por outro lado, a visão de Portugal como centro difusor – e impositor – de uma norma do português a ser seguida de forma mais ou menos ortodoxa pelos demais países encontra-se ultrapassada em termos da política linguística explícita e essa percepção estará também atenuada na sociedade portuguesa.

Sobretudo na última década, assistiu-se a uma mudança na visão e nas políticas linguísticas em relação às diferentes variedades nacionais do português, configuradas estas políticas numa gestão partilhada de decisões entre os Estados-Membros da CPLP, através da ação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP). Esta nova visão pluricentrista da língua portuguesa implica, a nosso ver, uma maior aceitação da diversidade entre variedades nacionais – a maioria delas ainda não codificadas –, caminho que, no entanto, na prática, ainda está longe de ter sido percorrido na sociedade portuguesa.

Neste trabalho, pretende-se dar conta da mudança de perspectiva a que se assistiu relativamente ao pluricentrismo do português nos últimos anos, em termos de enunciados políticos e de ações concretas, mas também mencionar alguns dos obstáculos que ainda precisam de ser ultrapassados para se atingir maior aceitação e respeito pela diversidade.

Línguas minoritárias e revitalização linguística (Experiência local)

Fernanda Asseiceira (Presidente da Câmara Municipal de Alcanena, Minde)

Resumo

O desaparecimento contínuo de línguas minoritárias justifica-se, na maioria dos casos, devido à desintegração socioeconómica, cultural e identitária das comunidades que as falam e as reproduzem através das diferentes gerações.

No caso específico do Minderico, língua falada entre os comerciantes das célebres “Mantas de Minde”, freguesia do concelho de Alcanena, foi a partir de meados do século passado, que a língua foi quase votada ao esquecimento, sendo falada apenas entre os mais velhos, que fizeram uso dela ao longo da sua vida profissional, por todo o território nacional.

Com o surgimento do Centro Interdisciplinar de Documentação Linguística e Social CIDLeS, cujo trabalho desenvolvido, é de excelência e sobejamente reconhecido a nível nacional e internacional, foi possível contrariar a tendência natural e, proceder a um estudo e inventariação exaustivos desta língua minoritária, que tanto caracteriza a Freguesia de Minde, em particular, e o Concelho de Alcanena, em geral.

De todo o trabalho desenvolvido, há a destacar a adaptação desta língua a novas metodologias e novos suportes, nomeadamente, pela criação de suportes digitais que auxiliam a aprendizagem da língua, tornando-a apelativa e moderna.

O trabalho junto da comunidade, nomeadamente, através do ensino da língua em aulas lecionadas a várias faixas etárias e a diferentes níveis de ensino, permitiu o renascimento da comunidade falante desta língua, despertando o interesse junto dos mais novos, por algo que os distingue dos outros, que afirma a sua identidade comunitária, e os cativa para a sua preservação.

Para além destes aspetos, há a referenciar também a divulgação da língua e a promoção de todo o trabalho desenvolvido a diversos níveis, e que tem servido de suporte a outros grupos de trabalho existentes um pouco por todo o mundo.

Para o Município de Alcanena, é muito importante que se mantenha o trabalho junto da comunidade local, nomeadamente, pela manutenção do ensino regular da língua, considerando que a via natural de transmissão da mesma, tende a desaparecer, devido aos novos hábitos da sociedade atual.

Só assim será possível uma comunidade que mantenha esta língua ativa, falada e vivida, o que significará que, apesar da globalização e uniformização de hábitos e tradições, as populações se sentem confortáveis com o seu passado e com o desejo de manter um valor cultural que os diferencia de todos os outros, gerando valor acrescentado a todos os níveis.

Escola Russa em Coimbra da Associação Intercultural “Espaço-Vivo”

Julia Prikhodko (Professora de russo/inglês, Associação Centro Intercultural “Espaço Vivo”)

Resumo

A Associação Intercultural Centro "Espaço-Vivo" (AICEV) desenvolve as suas atividades em Coimbra desde 2007 (DR, 2ª série — Nº 123— 28.06.07). Os principais objetivos da AICEV consistem na cooperação intercultural entre a sociedade Portuguesa e a diáspora eslava, através da implementação de iniciativas educativas e de ocupação de tempos livres, assim como o desenvolvimento e a divulgação de projetos e atividades para a valorização de aspetos essenciais da cultura e tradições eslavas entre os/as jovens. Em funcionamento desde 2014, a Escola Russa de Sábado é aberta a crianças de famílias eslavas, portuguesas e mistas. Neste ano letivo a Escola tem 25 alunos de 3-13 anos distribuídos por 4 turmas de acordo com a idade e nível de competência linguística. A Escola Russa tem um papel importante na preparação e desenvolvimento de habilidades da pessoa individual, seja no intuito de desenvolver a sua identidade e repertórios bi/multilíngues, seja com o fim de manter o seu bilinguismo. Na verdade, o papel primordial da escola em relação às línguas deve ser o de criar nos aprendizes uma consciência linguística, ou seja, ensiná-los a pensar sobre a língua, a valorizar as línguas e as suas variedades, dando também ao aluno liberdade para que se possa expressar na língua X ou Y. Entendemos que a educação começa na família e se prolonga no caminho educativo escolar: a família é um fator imprescindível na educação das crianças, enquanto a escola é instituição privilegiada de transmissão e construção do conhecimento. No entanto, a colaboração entre família e escola nem sempre é fluida ou frutífera, como seria conveniente. A comunicação entre família e escola deve ser compreendida a partir da diversidade de situações, atitudes e expectativas mútuas que podem conduzir ou gerar choques entre elas: as barreiras linguísticas tornam a comunicação limitada e separam os atores escolares das famílias dos estudantes. Assim, torna-se necessário melhorar os canais de comunicação, para que se desenvolva com sucesso a aprendizagem dos alunos/as, sobretudo num contexto de diversidade cultural. Neste sentido, é importante sublinhar o papel da Escola Russa na construção de plataformas de comunicação entre os estabelecimentos de ensino institucionais e as famílias representantes da diáspora eslava, através da implementação dos seus projetos. O corpo docente da Escola Russa é inteiramente constituído por profissionais titulares de formação pedagógica superior e elevado nível de qualificação. Desde 2012, a Escola dispõe de apoio financeiro do governo da Federação Russa através da Fundação "Russkiy Mir".

Versão longa |

A Associação Intercultural Centro "Espaço-Vivo" (AICEV) desenvolve, desde 2007, a sua atividade na cidade de Coimbra (Diário da República, 2ª série — Nº 123—28 de junho de 2007).

Os principais objetivos da AICEV são os definidos na Carta da Associação, nomeadamente, a cooperação intercultural entre a sociedade Portuguesa e diáspora eslava, através da implementação de iniciativas educativas e de ocupação de tempos livres, assim como o desenvolvimento e a divulgação de projetos e atividades visado a fixação, a valorização e a transmissão de aspetos essenciais da cultura e tradições eslavas entre a geração mais jovem. Dentre as atividades da Associação destaca-se a assinatura de protocolos de cooperação com instituições como a Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais (Coimbra), a JADRC -

Jovens Associados para o Desenvolvimento Regional do Centro, bem como com instituições educativas como o Agrupamento de Escolas Eugénio de Castro, Colégio de São Teotónio, Instituto Educativo de Lordemão, Colégio de São José, Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores e Conservatório de Música de Coimbra.

Projetos da Associação:

1. Celebração de datas do calendário anual de festas tradicionais - Ano Novo, Natal e Carnaval - que vêm reunindo regularmente cerca de duas centenas de cidadãos de diferentes nacionalidades.
2. "Dia da família, do amor e da lealdade" - festa russa de São Peter e Santa Fevroniya, para a qual são convidadas famílias estrangeiras, portuguesas e mistas..
3. "Pai, Mãe, eu - família desportiva" – promoção do desporto e outras atividades recreativas em família.
4. "Oficina de contos de fadas", "Aniversário do livro", "Conhecer a Rússia!" – actividades destinadas ao público português, nomeadamente, conferências online com a participação de instituições de ensino da Rússia e de Portugal, apresentações interactivas de tradições culturais eslavas nas escolas portuguesas, realização de concertos em instituições e organizações públicas da cidade de Coimbra.
5. “Descobrir novos mundos e novas escritas”, no âmbito da literatura artística, científica e educacional em língua russa (em parceria com a Biblioteca Municipal de Coimbra), apoiado e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O Projeto inclui um espaço da literatura em língua russa, inaugurado em setembro de 2013, que conta com um total de 265 títulos (literatura e DVDs). O acervo está disponível nas estantes da Biblioteca Municipal de Coimbra.

6. Escola Russa de Sábado – em funcionamento desde 2014, aberta à frequência por crianças de famílias eslavas, portuguesas e mistas.

No presente ano letivo a Escola é frequentada por 25 alunos, de idade entre os 3 os 13 anos, distribuídos por 4 turmas, de acordo com a idade e nível de desenvolvimento.

A Escola Russa tem um papel importante de preparar o indivíduo desenvolvendo suas habilidades para que se torne bi/multilíngue ou para que possa manter seu bilinguismo. Na verdade, o papel primordial da escola em relação às línguas deve ser o de criar nos aprendizes uma consciência linguística, ou seja, ensinar a pensar sobre a língua, valorizando as línguas e as suas variedades, dando também ao aluno liberdade para que se possa expressar na língua X ou Y.

Entendendo que a educação começa na família e se prolonga no caminho educativo escolar, a família é um fator imprescindível na educação das crianças, é também a escola enquanto instituição privilegiada de transmissão, construção e reconstrução do conhecimento. No entanto, a colaboração entre família e escola nem sempre é fluida ou frutífera como seria conveniente que fosse. A comunicação entre família e escola deve ser compreendida a partir da diversidade de situações, interesse e expectativas que existem entre ambos os sistemas que podem conduzir ou gerar choques entre eles: as barreiras linguísticas que tornam a comunicação limitada, separando o pessoal da escola dos familiares dos estudantes. Assim, torna-se necessário melhorar os canais de comunicação entre ambos para se conseguir melhor êxito de

aprendizagem dos alunos e alunas, sobretudo, num contexto de diversidade cultural. Neste sentido, é necessário entender a importância do papel da Escola Russa no âmbito de construção de plataformas de comunicação entre os estabelecimentos de ensino institucionais, e as famílias representantes da diáspora eslava através da implementação dos seus projetos.

O corpo docente da Escola Russa é inteiramente constituído por profissionais titulares de formação pedagógica superior e elevado nível de qualificação.

Desde 2012, a Escola dispõe somente do apoio financeiro da Fundação "Russkiy Mir", de Moscovo.

Ensino de Português Língua Não Materna (PLNM)

Tiago Machete (Professor de Português e Português Língua Não-Materna no ensino básico e secundário, membro da primeira comissão de avaliação externa de PLNM no ensino básico e secundário)

Resumo

Em Portugal, a balança entre a emigração e a imigração sempre pendeu mais para o lado da emigração. Em que país não vive um português? Durante séculos, usámos as nossas embarcações e fomos ao mundo inteiro. A comunidade e a tradição portuguesa estão no mundo inteiro! E o mundo inteiro, está em Portugal? Podemos dizer que sim, temos hoje uma sociedade multicultural, rica em diversidade, mas que, infelizmente, continua, muitas vezes, a ser desperdiçada. Os imigrantes dos países de língua oficial portuguesa foram os primeiros a chegar em massa, após o 25 de abril de 1974. Porém, durante mais de três décadas, as políticas de língua não foram eficazes na proteção dos milhares de falantes de português como língua segunda que recebemos. Atualmente, no nosso país, as taxas de reprovação dos alunos dos PALOP em Portugal são de 16% e dos portugueses de 5%. Estudo revela “dimensão brutal da desigualdade”ⁱ. Com o virar do século XX, uma nova vaga de imigração, sobretudo dos países do leste europeu e da China, levou a uma necessária mudança nas políticas de língua e na proteção de todos os falantes de português como língua não materna (PLNM) residentes no nosso país. Mas a nossa reação foi lenta e, apenas em 2006, foi regulamentado o ensino do PLNMⁱⁱ no sistema educativo português. Todavia, os mais recentes dadosⁱⁱⁱ mostram que apenas 1 em cada 10 professores que lecionam o PLNM tem formação específica, o que nos leva a concluir que ainda temos um longo caminho a percorrer para que todos os alunos que frequentam o sistema educativo português tenham as mesmas oportunidades.

ⁱ www.publico.pt, 24 de abril de 2016 (<https://www.publico.pt/2016/04/24/sociedade/noticia/alunos-de-palop-em-portugal-chumbam-tres-vezes-mais-que-portugueses-no-primeiro-ciclo-1729946>)

ⁱⁱ Despacho normativo n.º7/2006

ⁱⁱⁱ DGE (2014); Estudo de caracterização e avaliação de impacto da aplicação do Português Língua Não Materna (PLNM) no ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e no ensino secundário, páginas 38 e 40 (http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/EBasico/PLNM/estudo_plnm.pdf)

Versão longa |

Atualmente, em Portugal, o ensino do português como língua não materna, doravante PLNM, encontra-se legislado e tem um carácter obrigatórioⁱ, nos ensinos básico e secundário.

Porém, o que se constata é que as práticas subjacentes à implementação e ao funcionamento do PLNM estão repletas de problemas e de obstáculos que condicionam fortemente o sucesso dos alunos falantes de PLNM.

Começemos pela implementação do PLNMⁱⁱ:

- (a) Está previsto que, num primeiro momento, os alunos falantes de PLNM sejam sujeitos a um teste de diagnóstico de proficiência linguística e que, mediante o resultado desse teste, disponibilizado pela tutela, sejam posicionados num dos níveis de proficiência linguística estabelecidos, para que, a partir

daí, desenvolvam um trabalho progressivo de aquisição da língua portuguesa. Contudo, os testes de diagnóstico de proficiência linguística disponibilizados pela tutela não permitem aferir corretamente o nível de proficiência linguística dos alunos nas diferentes competências a desenvolver (compreensão oral, leitura, produção oral e produção escrita);

- (b) Depois de realizar o teste de diagnóstico da proficiência linguística, os alunos falantes de PLNM iniciam o seu trabalho e devem ser avaliados regularmente para que possa existir uma aferição do seu progresso no domínio da língua. Contudo, a tutela não disponibiliza os instrumentos necessários para medir o progresso dos alunos;
- (c) A avaliação dos alunos falantes de PLNM é diferenciada, adequada ao seu nível de proficiência linguística, mas exclusivamente na disciplina de português língua não materna. Nas restantes disciplinas do currículo, cuja frequência é obrigatória, não está contemplada qualquer diferenciação na avaliação destes alunos.

Estamos, portanto, na presença de medidas ineficazes e que, apesar das diversas atualizações legislativas que tiveram lugar entre 2006 e 2014, ainda não foram corrigidas.

No que concerne o funcionamento do PLNM, também nos deparamos com situações que condicionam fortemente o sucesso dos alunos:

- (a) A falta de um programa atualizado para a disciplina de PLNM no ensino básico (apenas existe um programa para o ensino secundário);
- (b) A obrigatoriedade de transição de nível de proficiência linguística, sempre que, no final do ano letivo, o aluno obtenha aprovação à disciplina de PLNMⁱⁱⁱ, originando situações em que o aluno é forçado a transitar de nível de proficiência linguística sem que todas as competências do nível em que encontra estejam consolidadas;
- (c) A falta de um mecanismo de formação/ contratação de professores especializados, que condiciona, de forma inequívoca, a qualidade do ensino do PLNM (apenas 1 em cada 10 professores que lecionam o PLNM tem formação específica^{iv}) – *Um dos principais problemas identificados no funcionamento do PLNM prende-se com a insuficiente formação específica neste domínio do pessoal docente (diretores, diretores de turma, coordenadores e professores) que lida com estes alunos^v*;
- (d) A obrigatoriedade de existência de um mínimo de 10 alunos para que o grupo/turma de PLNM possa ser criado^{vi}, contrariando assim o preconizado no Documento Orientador: *Os grupos de nível não deverão ser constituídos por mais de 10 alunos^{vii}*.
- (e) Em suma, e recorrendo a uma metáfora, se comparássemos o ensino do PLNM a um automóvel, os principais condutores do processo de ensino-aprendizagem, os professores, seriam automobilistas sem carta de condução.

ⁱ Despacho-Normativo 7/2006 e Despacho-Normativo 30/2007

ⁱⁱ Despacho-Normativo 7/2006 e Despacho-Normativo 30/2007

ⁱⁱⁱ Ofício-Circular GD7/2011, Ofício-Circular DGIDC/2011/GD/8 e Despacho-Normativo 12/2011

^{iv} DGE (2014); Estudo de caracterização e avaliação de impacto da aplicação do Português Língua Não Materna (PLNM) no ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e no ensino secundário, páginas 38 e 40

(http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/EBasico/PLNM/estudo_plnm.pdf)

^v DGE (2014); Estudo de caracterização e avaliação de impacto da aplicação do Português Língua Não Materna (PLNM) no ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e no ensino secundário, página 152

(http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/EBasico/PLNM/estudo_plnm.pdf)

^{vi} Ofício-Circular DGIDC/2011/GD/7 e Ofício-Circular DGIDC/2011/GD/8

^{vii} DGIDC (2005) Programa para integração dos alunos que não têm o português como língua materna, página 11

(https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/plnmdoc_orientador.pdf)

THURSDAY, SEP 15
14:30-16:30
FLUC - TP1

Panel 14 | *Multilingualism and linguistic diversity in Portugal: Speakers, Knowledge and Dynamics* | PT

Coordinators: Clara Keating & Vera Ferreira

|Português|

Este painel foca a sua atenção em falantes bilingues e multilingues que cruzam fronteiras sociais e linguísticas, adotando ou se adaptando a novos espaços linguísticos. Partimos por isso de uma perspetiva multilingue sobre o conhecimento e repertório linguístico desses novos falantes como um contínuo entre forma e função. Neste painel pretendemos colocar em diálogo as perspetivas linguísticas, psicolinguísticas, educativas, sociolinguísticas, económicas e políticas que usamos para identificar e avaliar saberes multilingues de novos falantes (língua materna e não-materna, aquisição de língua segunda ou estrangeira, entre outros) e as dinâmicas de desenvolvimento, negociação e reconhecimento dos seus repertórios nos espaços de vida e sobrevivência quotidiana. Focando-nos nas suas trajetórias linguísticas, nomeadamente nos momentos de mudança linguística manifesta nas suas biografias, pretendemos debater como estes falantes e as suas vidas são modelados pelo multilinguismo e se reconhecem como multilíngues. Dado que não podemos falar destes processos sem pensar nas dinâmicas de negociação e construção de espaços de intersubjetividade e de territórios simbólicos, as questões da construção do valor, da autenticidade e da legitimidade - cultural, profissional, institucional - são incontornáveis. Assim, debateremos falantes, competências, saberes e repertórios, assim como espaços de uso e socialização em novas práticas linguísticas. Abordaremos as dinâmicas históricas e emocionais associadas às identidades e subjetividades multilingues que encontramos nos espaços em que participamos ou onde gerimos a diversidade linguística. Na apresentação dos seus trabalhos, suas motivações e objetivos, desafiamos os nossos participantes a responder às seguintes questões:

- a) Falantes: Quem são? Que saberes (competências e repertórios multilíngues) estão em jogo e como são identificados? Por quem, onde, como e quando?
- b) Dinâmicas: Como se valorizam, autenticam e legitimam os seus conhecimentos? Que instrumentos são utilizados para este fim? Com que propósitos?
- c) Espaços: Como se cruzam os espaços linguísticos, culturais, profissionais, institucionais e identitários? E como se constroem estes espaços?
Que tensões e respostas criativas surgem no cruzamento de saberes face à participação cívica destes falantes? E como se desenvolvem políticas eficazes- familiares, locais, nacionais e transnacionais

|English|

In this panel, we focus our attention on bilingual and multilingual speakers who cross existing social boundaries, re-evaluate their own levels of linguistic competence and creatively (re)structure their social practices to adopt and adapt to new, complex and overlapping linguistic spaces. We thus start from a perspective on new speakers' multilingual competence and multilingual repertoires as a continuum between

form and function. In this panel we bring into dialogue the linguistic, psycholinguistic, educational, sociolinguistic, economic and political research perspectives informing our ways of identifying new speakers' multilingual competences (native, non-native speakers, second language acquisition and socialization, foreign, second or additional languages, among others), as well as the dynamics involved in the development, negotiation and recognition of new speakers' multilingual repertoires in their spaces of daily survival. By focusing on the language-based journeys taken by individuals or groups - and the biographical junctures where significant linguistic changes are enacted in their language repertoires - we want to explore how they get shaped by multilingualism and how people conceptualise themselves as multilinguals. Dynamics of negotiation and construction of spaces of intersubjectivity and symbolic territories are intrinsically related to these processes, including the construction of linguistic value, authenticity and legitimacy, from cultural, professional and institutional perspectives. In sum, we will debate how, in our work as local language policy makers, we identify speakers, competences, repertoires and multilingual spaces of use and socialization, as well as the historical and emotional dynamics associated to speakers' multilingual subjectivities and identities. Participants will introduce themselves and their work as they provide answers to the following questions:

- a. Who are the speakers? What kinds of knowledge (multilingual competences and repertoires) are at stake and how are they being identified, assessed and redefined? By whom, where, how and when?
- b. What dynamics - related to language value, authenticity and legitimacy -- are involved as new speakers cross existing social boundaries, re-evaluate their own levels of linguistic competence and creatively (re)structure their social practices to adopt and adapt to new, complex and overlapping linguistic spaces?
- c. Spaces: how do linguistic, cultural, professional, institutional and identity spaces cross? How are they constructed and how to describe their complexity?
- d. In the light of full social and civic participation of these new speakers, what tensions and what creative responses emerge in the process and how to explain them? How to learn from experience in order to produce efficient policies with useful implications across family, local, national and transnational contexts?

PARTICIPANTES | PARTICIPANTS

Clara Keating (Centre for Social Studies, University of Coimbra)

Vera Ferreira (CIDLeS – Interdisciplinary Centre for Social and Language Documentation)

Maria Victoria Navas (Universidad Complutense de Madrid)

Ana Josefa Cardoso (CLUNL – Universidade Nova de Lisboa/Bilingual teacher of Capeverdean Creole (CVC) and Portuguese; CVC teacher, teacher training Portuguese as a Foreign Language)

Hugo Cardoso (CLUL - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)

Graça Santos (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur le monde Lusophone (CRILUS) / EA 369 Etudes Romanes Université Paris Nanterre)

COMENTADORA | DISCUSSANT: Cristina Martins (CELGA/ILTEC, Universidade de Coimbra)

Multilinguismo em Barrancos: uma opção obrigada

María Victoria Navas Sánchez-Élez (Universidad Complutense de Madrid)

Resumo

Barrancos, terra alentejana com menos de 2000 habitantes, situada na margem esquerda do rio Guadiana, tem sido, provavelmente, desde a Idade Média uma terra onde os seus habitantes têm sido maioritariamente de fala espanhola (cf. Navas 2011). Pela sua situação geográfica –introduz-se em Espanha como uma cunha afiada– pelo isolamento físico respeito do poder central português, criou-se ao longo dos séculos uma língua de contacto com características peculiares dentro da sua tipologia: é o barranquenho. Lembremos, contudo, que em Barrancos também viviam ao longo dos séculos pessoas de fala portuguesa e pessoas de fala espanhola, ali chegadas por um motivo ou outro (trabalho, relações familiares, contrabando, refugiados, etc.).

Esta língua mista, fronteiriça, caso único pelo menos na Península Ibérica, formou-se a partir das variedades meridionais ibéricas próximas: o alentejano português, e o extremeño e andaluz espanhóis. Todo este conjunto de traços deu lugar a uma nova fala na qual se exprimiam as naturalmente pessoas ali nascidas que como por todo o país nos séculos passados não estavam escolarizadas.

Quando as crianças iam à escola, cujos estudos eram dados por professores de língua materna portuguesa, descobriam que o que eles falavam não era a língua padrão, que o que falavam e escreviam não era correcto, que tinham que falar e escrever de uma outra maneira. Porque os próprios professores não compreendiam quando os miúdos barranquenhos lhes falavam. Como consequência disso as crianças primeiro, mais tarde os jovens, depois os adultos, começaram a rejeitar a sua própria língua, o barranquenho, a sentir que eles falavam um mal português, não que falavam uma língua diferente, mas sim um mal português, e por isso a esconder a sua fala ante terceiros.

Ao longo do Painel 14 “Multilinguismo e diversidade linguística em Portugal: Falantes, Conhecimentos e Dinâmicas” explicaremos com base em inquéritos feito em duas épocas diferentes, 1990 e 2014, e com testemunhos recolhidos na localidade de Barrancos como essa situação está a mudar.

Multilinguismo e Diversidade Linguística

Ana Josefa Cardoso (CLUNL – Universidade Nova de Lisboa)

Resumo

A necessidade de reagrupamento familiar trouxe-me de Cabo Verde para Portugal quando tinha 6 anos de idade. O meu reportório em português cingia-se a meia dúzia de frases com as quais não simpatizava, aprendidas por força das circunstâncias durante a pré-primária em Cabo Verde.

Todo o percurso escolar foi feito em Portugal, no tempo em que ainda não se falava de Português Língua Segunda ou Língua Não Materna. Era preciso sobreviver e a estratégia encontrada foi tornar-me invisível e inaudível na sala de aula, durante os primeiros anos. Só me tornei numa aluna participativa quando já sentia alguma segurança no meu discurso em Português.

A minha língua materna sempre foi ignorada na escola, mas fazia parte do meu quotidiano familiar, onde sempre foi usada sem preconceitos de qualquer ordem. Desde cedo, procurei desenvolver o conhecimento sobre ela, apesar dos escassos recursos, pois havia poucas publicações em caboverdiano e sobre o caboverdiano.

Com o tempo, apercebi-me que a língua que eu tanto estimava era vista como algo negativo, sobretudo no contexto escolar, onde era considerada a principal causa de insucesso dos alunos de origem caboverdiana.

Era preciso agir e combater a ignorância e por isso comecei a partilhar os conhecimentos que tinha, sempre que surgia uma oportunidade, sobretudo em contexto profissional, junto dos professores. Esta partilha informal veio a ser legitimada com a certificação como formadora na área da Didática Específica da Língua Caboverdiana, que permitia realizar ações de formação creditadas para professores.

Mais tarde, tive oportunidade de participar em projetos e iniciativas que valorizam a língua caboverdiana e têm impactos positivos de longo alcance, que fomentam o desenvolvimento desta língua tanto na diáspora como no país de origem, onde ainda aguarda pelo estatuto de língua oficial, em paridade com a língua portuguesa.

Cá e Lá, uma "língua de contrabando": do bilinguismo à comparação provocadora

Graça Santos (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur le monde Lusophone (CRILUS) / EA 369 Etudes Romanes Université Paris Nanterre)

Resumo

Cá e Lá, foi (e continua a ser) a primeira Companhia de teatro bilingue francês-português na Europa, nascida nos anos 80 do século passado, na região de Paris. As formas estéticas muito originais produzidas por **Cá e Lá**, que desde o princípio mesclam línguas e culturas, fazem da questão do bilinguismo uma temática e uma forma de expressão artística provocatória. Usando a linguagem verbal e corporal como reivindicação audível e visível dum espaço bipolar, para o qual o nome da companhia aponta claramente, os atores recusam a mitificação das origens. Procuram criar um espaço de sobreposição linguística que evidencia áreas menosprezadas socialmente porque excluídas pela norma. Começaram por produzir o que Jacques Hassoun designa como uma de «língua de contrabando» e após terem recusado ser mero objeto de estudos sociológicos, desenvolvem um percurso auto-reflexivo com produção dum discurso próprio que analisa a atividade da Companhia. Com a realização regular de performances e espetáculos destinados a um público diversificado, Cá e Lá presta particular atenção em não confundir identidade e cultura. Com sessões regulares de formação (ateliers, conferências, debates...) o grupo preocupa-se também com a questão da transmissão por ele desenvolvida em locais que cruzam espaços sociais e linguísticos.

A conferência será ilustrada por vídeos, fotos e vários elementos do arquivo da Companhia, alguns deles consultáveis online:

<http://www.caela.net/>

<https://parfumsdelisbonne.com/>

Versão longa |

1 Introdução: Contexto e circunstâncias

A situação migratória (2ª geração de imigrantes portugueses em França) com as várias condicionantes sociolinguísticas está na base da criação da Companhia Cá e Lá, no princípio dos anos 1980 na região parisiense. Decorridos 35 anos, é fundamental analisar as circunstâncias que levaram à criação do grupo de teatro que rapidamente se autonomizou do meio associativo português em França. A questão linguística foi de início uma especificidade que terá um impacto nas formas artísticas, nos temas e nas linguagens dos espetáculos produzidos. A componente feminina do grupo também influenciará as escolhas temáticas e estéticas

2 Corpos e falas reivindicativos

Não se tratava só de fazer teatro em português em França, como já se tinha feito: teatro amador no meio associativo, muitas vezes meramente recreativo; teatro mais clássico, de repertório português; e até teatro militante do antes 1974 em que se usou a arte dramática para formas de resistência ao Estado Novo.

O teatro foi a forma artística escolhida por um grupo de jovens estudantes para exprimir discursos e ideias próprias relacionadas com a situação da segunda geração de filhos de imigrantes portugueses e mais particularmente das “filhas”, sendo que o grupo sempre foi essencialmente feminino. Estamos no final do

anos 1970, o contexto francês é de um tempo em que as vozes da contracultura reagem a um período social e cultural muito reivindicativo. Há vários momentos de tensão entre o poder e os que são ditos “enfants de l’immigration” das várias comunidades mas com particular intensidade por parte dos magrebinos que questionam já também a relação pós-colonial com a França. O grupo constituído (que posteriormente se chamaria Cá e Lá) destoa de imediato dos hábitos considerados como representativos dos que então eram denominados “portugueses de França”: são jovens raparigas que criam o seu próprio repertório baseando-se na criação colectiva. São vozes protestatárias que vêem no teatro a dupla expressão do corpo físico e do corpo social: assume-se uma linguagem física e verbal que evidência os espaços menosprezados pelo poder de ambos os países pelos que circulam.

O bilinguismo é o motor principal do trabalho; encenam corpos falantes que produzem uma língua onomatopaica, com uma gíria feita de hibridismo, um “françoguez” menosprezado que aqui se exhibe e provoca. Théâtre aux mains sales / teatro de mãos sujas, dizem as atrizes cuja postura contrasta com a imagem humilde do imigrante português em França.

3 Criar a sua própria análise

O teatro “Cá e Lá – Compagnie bilingue français portugais” nasce como companhia independente em 1983, já tem em repertório *Le cul entre deux chaises / Sentados entre duas cadeiras* (que conheceu 3 versões) e está a preparar *Sudexpress* (que terá também 3 versões). As peças são primeiramente estreadas em francês e depois adaptadas para português com os mesmos actores; os diálogos em ambas as versões são percorridos por falas específicas, termos oriundos da sobreposição dos dois idiomas. Tratadas com uma lógica interventiva as temáticas frisam as situações da 2ª geração no relacionamento contraditório com a primeira geração dos pais: pretendem ser barulhentos quantos às situações vividas nos vários meios sociais e culturais. A linguagem dos corpos faz eco a uma experimentação da voz e do verbo. A mímica é uma escolha que pretende ultrapassar as fronteiras linguísticas e permite várias digressões em França, em Portugal e pela a Europa.

A especificidade do grupo reside também no desenvolvimento dum discurso de auto-análise (da forma, e do fundo) poderíamos até dizer de auto-observação das produções, concomitante com a procura de formação específica (prática e teórica) e desenvolvimento de investigação que é formulada em artigos, debates, colóquios. Os estudos sociológicos em que o grupo é a miude evocado são considerados pelas protagonistas como não significativos do trabalho na sua vertente estética e político social, e não se reconhecem nestes.

(Cf. Fotos de vários espectáculos e site caela.net)

4 Corpos e vozes no forum

A longevidade da Companhia Cá e Lá explica-se pela capacidade do grupo de se adaptar à evolução das situações, em auto-reflexividade permanente. A partir dos anos 2000 pretende-se abrir a companhia para o exterior, pensando na transmissão. Criam-se os ateliers «*Passages du corps à la voix, à la recherche de l’autre*». Intensifica-se também a teorização das práticas. Além dos ateliers abertos a um público heterogéneo, são organizados estágios e seminários em que os exercícios servem para desenvolver uma reflexão teórico-empírica. Nesta fase, usando os alicerces da experiência adquirida, determina-se que é

imperativo considerar as línguas primeiramente na sua vertente auditiva. Trabalham-se os sons a partir dos fonemas, fazendo da audição um sentido primordial. O corpo é assim considerado como um instrumento reprodutor da partitura correspondente ao idioma, mas não há só imitação sonora há também movimentação corporal. Aqui não importa o sentido das palavras, mas sim a sua melodia. A desconexão som/sentido permite o afastamento das limitações psicológicas, as blocagens relativas à tomada da palavra em público e ao conteúdo condicionador do discurso.

Questionam-se os modelos; não se trata somente de reproduzir um modelo normativo previamente definido segundo cânones sociais, linguísticos e até artísticos. O teatro é, neste caso, um mecanismo revelador, usado como uma lupa. Os corpos são depois transportados para espaços que provocam desconforto, com performances que evidenciam o efeito dum movimento que parte da desconstrução dos automatismos para a encenação coreografada dos idiomas literalmente “visíveis” quando o autor passa publicamente de uma língua para a outra.

(cf. Vídeo Parfums de Lisbonne 2016)

5 O caminho teórico

Os primórdios de Cá e Lá assentam nas diversas discriminações sociais: racismo social e cultural. Ser estranho ou estrangeiro em diversas situações em que há julgamento “de cima”: o sujeito/actor tem uma aparência física (postura e traje) que assinala um meio social menosprezado; fala com particularidades articulatórias consideradas como de baixa extração e aqui relativa à emigração, podendo ainda haver no caso do português particularidades regionais pouco reconhecidas (relativas às várias regiões de Portugal em que não se fala segundo a norma de Coimbra ou de Lisboa). A reflexão de Philippe Blanchet sobre o que ele chama a “glotofobia” (forma de racismo pelo sotaque) é aqui muito útil. “Les pratiques linguistiques, les langues, parce que ce sont des phénomènes sociaux clés, sont des enjeux de pouvoir : ce sont des objets sur lesquels s’exercent du/des pouvoir(s) et des conflits de pouvoir”. Este conflito pode até ser interno (auto conflito entre dois elementos da própria pessoa: uma parte do eu que despreza a outra (ver Bernard Lahire¹). O processo é desencadeado pelo medo do julgamento exterior quanto à forma de falar e simultaneamente pela vergonha que poderá surgir pela não correspondência com a norma. Todo o trabalho de Cá e Lá consiste por um lado em desbloquear estas situações em ateliers de prática e de reflexão, mas também em produzir sessões artísticas que interpelem e que provoquem insubmissão e questionamento.

A desconexão som/sentido é aqui fundamental. O texto só aparece na última fase do trabalho, sendo que o actor é uma voz corporizada, despreocupando-se do sentido das palavras e do efeito que o julgamento exterior poderia ter na sua abordagem delas. A memória e a história pessoal são elementos determinantes que levantam o problema da transmissão. Falando dos filhos de exilados (que podem ser migrantes económicos, desterrados políticos ou todo o ser obrigado a deixar a terra onde nasceu por outra onde deverá viver) Jacques Hassoun² diz: “Ils sont hors cadre, hors norme, dans un entre-deux où il est exigé de ces presque autochtones des preuves exorbitantes d’attachement extrême par ceux-là même qui dans le

¹ Bernard Lahire, Distinctions culturelles et lutte de soi contre soi : « détester la part populaire de soi », *Hermès*, La Revue 2005/2 (n° 42), p. 137-143.

² Jacques Hassoun, *les contrebandiers de la mémoire*, Toulouse, Erès, 2011.

même temps les repoussent”(p. 35). Desde o início, Cá e Lá situa-se na definição deste “entre-deux”, vasculha este espaço inconfortável feito de passagens entre dois lugares cuja pertença é julgada pelos hábitos/posturas corporais e de linguagem. Permanece a sensação de serem espiados em todos seus gestos e palavras; a sua vida é uma representação em que devem desempenhar papéis segundo modelos com que devem constantemente provar a correspondência. É tanto a busca duma dupla presença como o receio duma dupla ausência (Abdelmalek Sayad³).

São objecto de suspeita, vivem-se como suspeitos, não conformes. « Par le décalage de leurs patronymes en retard d’une insertion géographique et par leurs prénoms incongrus, ils actualisent le lien qu’ils ont avec une terre qui s’est dérobée » (Jacques Hassoun) Há como uma injunção perpétua de auto-definição que passa pela aparência física, pela própria denominação (o nome que os identifica como não pertencentes ao território para onde vieram os pais), pela apropriação da linguagem verbal e corporal. Determinar a língua que se escolhe para evocar o passado ou o presente (a língua do país parental, ou a do país de “acolhimento”?) é fundamental e Cá e Lá propõe integrar este questionamento como motor do seu trabalho estético e temático. Jacques Hassoun fala em línguas de “contrabando”: como línguas ilegítimas transportadas por fronteiras geográficas ou sociais. Os ateliers da companhia de teatro, centrados na passagem duma língua para a outra, dão a ver a metamorfose do corpo e da voz quando se muda de idioma. Desconstroem os procedimentos considerados como inatos, ou instintivos. Muitos dos atores, dos formandos, dos estudantes, que integram os ateliers e as performances e espectáculos são já da terceira geração migrante portuguesa de França, sendo até muitas vezes já franceses ou tendo a dupla nacionalidade. As sessões, ateliers de prática permitem a consciencialização primeiramente corporal e depois linguística, ultrapassar o medo de que também são herdeiros, ter segurança num presente assumido.

³ Abdelmalek Sayad, *La double absence des illusions de l’émigré aux souffrances de l’immigré*, Paris, Éditions du Seuil, 1999.



ces.uc.pt/coimbranewspeakers



THE NEW SPEAKERS NETWORK

— **FINAL WHOLE** —
— **ACTION CONFERENCE** —
COIMBRA — 2017

